

8 de janeiro de 1958

Seminário da quarta-feira de 8 de janeiro de 1958

Tenho a impressão que no último trimestre — soube disso indiretamente — cansei-os um pouco. Não percebi, do contrário não teria feito isso. Tive também a impressão de me ter repetido, de ter marcado passo. Isso, aliás, não impediu, talvez, que algumas das coisas que queria que fossem entendidas permanecessem no meio do caminho.

Talvez valha a pena, voltar um pouco para trás, digamos dar uma olhada sobre a maneira como tratei as coisas este ano. O que procuro mostrar-lhes a propósito do *dito espíritos* do qual tirei um certo esquema cuja utilidade pode não aparecer-lhes imediatamente, é sua unidade, como as coisas se encaixam, como elas se entrosam com o esquema anterior.

Afinal, trata-se de alguma coisa que vocês devem perceber como uma constante naquilo que eu lhes ensino. Ainda assim, conviria que essa constante não fosse simplesmente alguma coisa como uma pequena bandeira no horizonte pela qual vocês se orientariam. É preciso que vocês compreendam para onde isso os leva, por que voltas isso lhes leva. Essa constante, é a observação que acho fundamental para entender o que há em Freud, da importância da *linguagem*, dissemos isso inicialmente, e, depois, a da *palavra [parol]*. E mais nós nos aproximamos de nosso objeto, mais percebemos onde está a diferença da importância do *significante* na economia do desejo, digamos mais: na formação, a informação do *significado*

Vocês podem ter percebido isso ontem à noite, ao ouvirem o que a Sra. Pankoff nos trouxe de interessante para nossa sessão científica. Ocorre que na América as pessoas se preocupam com a mesma coisa que eu lhes explico aqui. Elas tratam de introduzir o essencial na determinação dos distúrbios psíquicos, desses distúrbios econômicos, o fato da comunicação e do que elas, ocasionalmente, chamam a mensagem. Vocês ouviram a Sra. Pankoff falar de alguém que não tem nada de tolo, a saber, o Sr. Boteson, antropólogo e etnógrafo, que nos trouxe alguma coisa que nos faz refletir um pouco mais longe que de costume no tocante à ação terapêutica. Ele procura formular alguma coisa que está na gênese do distúrbio psicótico, em alguma coisa que se estabelece entre a mãe e o filho, e que não é, simplesmente, o efeito de tensão, de retenção, de defesa, de ratificação, de frustração, no sentido elementar que preciso, de relação interhumana, como se se tratasse de alguma coisa que ocorresse na extremidade de um elástico, que procura colocar, desde o princípio, a noção de comunicação considerada como centrada, não simplesmente em um não-contato, em uma relação, em um ambiente, mas em uma *significação* de colocá-la no princípio do que ocorreu, originalmente, de discordante, de dilacerante no que liga a criança às suas relações com a mãe, e quando ele designa, quando ele indica como sendo o elemento discordante essencial dessa relação o fato que a comunicação se tenha apresentado sob uma forma de dupla relação, como o disse muito bem ontem à noite a Sra. Pankoff, dizendo-lhes que na mesma mensagem, que é aquela em que a criança decifrou o comportamento de sua mãe, na mesma mensagem há dois elementos que não são definidos um em relação ao outro, no sentido simplesmente que um apresenta-se como a defesa do sujeito em relação ao que o Outro quer dizer, o que é a noção comum que temos do que ocorre ao nível do mecanismo da defesa que vocês analisam.

Vocês podem dizer o que o sujeito diz para desconhecer que há uma parcela de significação nele. Ele se anuncia a si próprio, como também ele lhes diz outra coisa.

Não é disso que se trata. Trata-se de alguma coisa que diz respeito ao Outro e que é recebido pelo Outro de tal modo que, se ele responder sobre um ponto, ele sabe, por si

8 de janeiro de 1958

mesmo, que ele vai se encontrar encurralado no Outro. Assim como disse a Sra. Pankoff ontem, se eu responder à declaração de amor que me faz minha mãe, vou provocar sua retração, e se eu não a entender como tal, isto é, se eu não lhe responder, vou perdê-la.

Vocês constatarem, pois, que penetramos agora nessa dialética do duplo sentido, no fato de a ele já interessar um elemento terceiro. Não é um atrás do outro, isto é, algo que está além do sentido, um sentido que teria o privilégio de ser o mais autêntico, essas duas mensagens simultâneas da mesma emissão, se se pode dizer, de significação, que cria no sujeito uma posição tal que ele se encontra num impasse. Isso prova que, mesmo na América, os progressos são consideráveis.

Será que isto significa que há completa suficiência? A Sra. Pankoff, ontem à noite, destacou muito bem o que essa tentativa tinha de rasteiro, de empírico. Claro que não se trata em absoluto de empirismo. Se, na América, não houvesse, ao lado, trabalhos que são muito importantes, que são feitos no plano do que se chama a estratégia dos jogos, eles não teriam sequer pensado em introduzir isso na análise, que é, mesmo ali, uma reconstrução de alguma coisa que se supõe ter ocorrido na origem, que determina essa posição profundamente dilacerada, em posição de desequilíbrio do sujeito em relação, justamente, àquilo que tem de constituinte a mensagem para o sujeito. Se essa posição não implica que a mensagem é alguma coisa de constituinte para o sujeito, é difícil entender como se poderia dar a esta dupla relação primitiva efeitos tão grandes.

Então, surge a questão de saber qual será a situação, qual será o processo da comunicação quando ele não chega a ser constituinte para o sujeito. É outra baliza que se deve procurar. Até agora, quando vocês lêem e quando vocês ouvem o que o Sr. Boteson quer dizer, vocês vêem que, em suma, tudo está centrado na dupla mensagem, sem dúvida, mas sobre a dupla mensagem considerada como dupla significação.

É, precisamente, aqui que o sistema falha e, precisamente, em quê? Nisto: é que há apenas esta maneira de conceber as coisas, de apresentá-las, que negligencia, justamente, o que o significante tem de constituinte na significação.

Ontem à noite fiz um apontamento rápido, que está faltando agora, relativo às declarações da Sra. Pankoff, e que pode ser resumido assim: Não há, dizia ela, palavra que fundamentaria a palavra como ato. E isso se situa no campo que vou abordar agora.

Entre essas palavras é preciso que haja uma que fundamente a palavra como ato no sujeito. É, pois, nesse sentido que ela manifestava sua exigência, seu sentimento da insuficiência do sistema. É nisso que a Sra. Pankoff manifestava uma exigência de estabilização de todo o sistema, uma vez que, no interior da palavra, há, em algum lugar, alguma coisa que fundamenta a palavra como verdadeira. Dirigia-se, pois, nesse sentido a um recurso, à perspectiva da personalidade. Foi realmente o que ela trouxe ontem, e é realmente alguma coisa que, pelo menos, tem o mérito de testemunhar uma certa exigência correspondente a alguma coisa que, no sistema, nos deixa incertos, não nos permite uma dedução, uma construção suficiente.

Não creio, de modo algum, que seja assim que se possa formulá-la. Essa referência personalista, eu não a creio psicologicamente fundada a não ser nesse sentido: que nós não podemos não pressentir que, neste impasse que criam as significações, considerado desencadeadora de um desconcerto profundo do sujeito quando ele é esquizofrênico, nós não podemos não sentir que há alguma coisa que deve encontrar-se no princípio desse déficit. Não é simplesmente a experiência mantida, tomada, impressa desses impasses das

8 de janeiro de 1958

significações, mas também alguma coisa que é a falta de alguma coisa que fundamenta a própria significação, e que é o significante, e alguma coisa mais, que é, justamente, o de que vou tratar hoje, isto é, alguma coisa que se fundamenta, não simplesmente como personalidade, como alguma coisa que fundamenta a palavra como ato, assim como dizia a Sra. Pankoff ontem à noite, mas alguma coisa que se apresenta como o que dá autoridade à lei.

Aqui chamamos de *lei* justamente o que se articula propriamente ao nível do significante, isto é, o texto da lei.

Não é a mesma coisa dizer que há uma pessoa que deve estar aí para sustentar, por assim dizer, a autenticidade da fala, e dizer que há alguma coisa que autorize o texto da lei, porque este algo que autoriza o texto da lei é alguma coisa que se basta estar, ele próprio, ao nível do significante, isto é, o *Nome-do-pai*, o que eu chamo de *Nome-do-pai*, isto é, o *pai simbólico*. É alguma coisa que subsiste ao nível do significante. É alguma coisa que, no Outro, considerado como a sede da lei, representa este outro no Outro, esse significante que dá suporte à lei, que promulga a lei.

É, precisamente, o que exprime o mito necessário no pensamento de Freud, o mito do Édipo. Razão pela qual — fiquem atentos a isso — é necessário que ele mesmo procure, sob essa forma mítica, a origem da lei. É para que haja alguma coisa que faça com que a lei seja fundada no pai. É preciso que haja o homicídio do pai. As duas coisas estão estreitamente ligadas, isto é, que o pai, na qualidade de promulgador da lei, é o pai morto, isto é, o símbolo do pai; *o pai morto é o nome-do-pai*, que está aí construído sobre o conteúdo. Isto é essencial. Vou lembrar-lhes oportunamente porquê.

Em torno de que centrei tudo o que lhes ensinei há dois anos sobre a psicose? Em torno de algo que chamei de *Verwerfung*. Procurei fazer vocês sentirem-na como alguma coisa diferente de *Verdrängung*; isto é, que a cadeia significante continua, quer vocês saibam ou não, a se desenrolar, a se ordenar no Outro, o que é essencialmente a descoberta freudiana. Mas disse-lhes que a *Verwerfung* era alguma coisa que não estava simplesmente além de seu alcance, isto é, no Outro considerado como recalcado e como significante. É isso a *Verdrängung*. Mas é a cadeia significante. A prova disto é que ela continua a agir sem que vocês lhe dêem a menor significação. Ela determina a menor significação sem que vocês a conheçam como cadeia significante.

Disse-lhes igualmente que há outra coisa que nessa ocasião é *Verwerfung*. Pode haver na cadeia dos significantes um significante ou uma letra que falte, que sempre falta na tipografia, pois se trata de um espaço tipográfico. *O espaço do significante, o espaço do inconsciente é um espaço tipográfico*. É preciso procurar definir o espaço tipográfico como qualquer outra coisa se constituindo numa reta, em pequenos quadrados. Há leis topológicas do espaço tipográfico.

Há alguma coisa que falta nessa cadeia dos significantes. Vocês devem compreender a importância da falta do significante particular de que acabo de falar, que é o *nome-do-pai*, na medida justamente em que ele fundamenta como tal o fato de que há lei, isto é, articulação em uma certa ordem do significante: complexo de Édipo ou lei do Édipo, ou lei de interdição da mãe, por exemplo, o significante que significa que no interior desse significante o significante existe.

É isso o *nome-do-pai*, e como vocês vêem, no interior do Outro, é um significante essencial. Foi em torno disso que procurei centrar para vocês o que ocorre na psicose, a saber, como

8 de janeiro de 1958

o sujeito deve suprir a falta desse significante, ao essencial que é o *nome-do-pai*, e foi em torno disso que procurei ordenar para vocês tudo o que chamei de reação em cadeia, ou a debandada que ocorre na psicose.

Que devo eu fazer aqui? Devo enveredar imediatamente nessa recordação do que eu lhes disse a propósito do Presidente Schreber? Ou, então, devo mostrar-lhes de uma maneira mais precisa ainda o que articulo, o que acabo simplesmente de anunciar, mostrando-lhes detalhadamente qual a relação que vocês articulam ao nível do esquema deste ano que, para minha surpresa, não interessa a todos, mas que interessa, assim mesmo, a alguns, e, ao nível do esquema deste ano, procurar articular para vocês o que acabo de procurar indicar-lhes?

Não esqueçam que este esquema foi construído para representar-lhes o que ocorre ao nível de alguma coisa que merece o nome de técnica, a técnica do *dito espíritoso*, que é alguma coisa particular, muito singular, visto que, manifestamente, isso pode ser fabricado da maneira mais não-intencional do mundo pelo sujeito que, como já centrei para vocês, o *dito espíritoso* é, às vezes, apenas o outro lado de um lapso e cuja experiência mostra que muitos *ditos espíritosos* nascem assim; depois a gente percebe que foi espíritoso. Ocorreu por si só. De início, isso poderia, em certos casos, ser tomado exatamente pelo contrário, um sinal de ingenuidade.

Este *dito espíritoso*, com seu resultado, que é essa satisfação que lhe é peculiar, foi em torno disso que procurei, no último trimestre, organizar este esquema para vocês, para procurar descobrir como nós poderíamos conceber a origem dessa satisfação especial que ele proporciona. Isso não nos levou de volta a outra coisa a não ser à dialética da demanda a partir do ego.

Lembrem-se do esquema do que poderia chamar de ideal primordial simbólico, que é totalmente inexistente no momento da demanda satisfeita tal como é representado pela simultaneidade da intenção, na medida em que ela vai se manifestar em mensagem, e da chegada dessa mensagem como tal ao Outro, eu quero dizer o fato de que o significante, já que essa cadeia é a cadeia do significante, chega no Outro. Ele vê como tal se há perfeita identidade, simultaneidade, sobreposição exata entre a manifestação da intenção, considerada como do ego, e o fato de que o significante é, como tal, confirmado no Outro. Esse algo que está no princípio da possibilidade mesma da satisfação da palavra. Supomos, pois — é isto que chamo o momento primordial ideal — que se este momento existe, ele deve ser constituído por essa simultaneidade, essa coextensividade exata do desejo enquanto se manifesta, e do significante enquanto ele o porta e o comporta. Se este momento existe, a continuação, isto é, alguma coisa aqui que vai suceder à mensagem, é alguma coisa que vai suceder à sua passagem no Outro, que vai corresponder àquilo que é necessário, e àquilo que é realizado no Outro e no sujeito para que haja satisfação.

Isto é muito precisamente o ponto de partida necessário para que vocês compreendam que isto nunca ocorre. Isto é, é da natureza e do efeito do significante o que aqui ocorre, se apresenta como significado, isto é, como algo que é feito da transformação, da refração de seu desejo por sua passagem pelo significante, e por quê? Porque é por isso que essas duas linhas estão entrecruzadas; é para que vocês sintam o fato de que o desejo se exprime e passa pelo significante, isto é, que ele cruza a linha significante e que, ao nível deste cruzamento do desejo com a linha significante, ele encontra o quê? Ele encontra o Outro.

Veremos daqui a pouco, já que teremos de voltar ao assunto, o que, neste esquema é o Outro. Ele encontra o Outro, eu não lhes disse como pessoa, ele encontra o Outro como

8 de janeiro de 1958

tesouro do significante, como sede do código. Em outras palavras, é lá que se dá a refração do desejo pelo significante. O desejo chega, pois, como significante diferente do que era na origem, *é a razão pela qual seu desejo é sempre corneado e não pela qual sua filha é muda*¹.

É porque, no intervalo, o de que se trata lhes mostra que são vocês os corneados; vocês mesmos são traídos uma vez que *seu desejo dá-tai-se com o significante*. É essencial. Não sei como devo articular melhor as coisas para que vocês as possam entender. Isto se deve ao fato de que o desejo, considerado como emanção, surge de um momento desse ego radical pelo simples fato de que é aquele o caminho.

Esta é a significação do esquema. Encontra-se ali para que vocês visualizem este conceito, que a passagem através da cadeia do significante introduz por si mesmo na dialética do desejo essa mudança essencial.

Então está bem claro que para a satisfação do desejo tudo depende do que ocorre naquele ponto inicialmente definido como lugar do código, como este algo essencial que, já por si mesmo, *desde a origem ab origine*, pelo simples fato de sua estrutura de significante, traz essa modificação essencial do desejo ao nível de sua travessia de significante. Ali todo o resto está implicado, já que aí no nível mais radical, mas, evidentemente, há a lei, há as interdições, há o *supereu* [*summa*], etc. Mas para compreender como eles estão edificados, esses diversos níveis, é preciso entender que já ao nível mais radical, pelo fato de haver um Outro assim que vocês falam a alguém, que há um Outro nele, na qualidade de sujeito do código, nós já nos encontramos submetidos a essa dialética de corneação do desejo.

Logo, tudo depende, conforme se constata, do que ocorre nesse ponto de cruzamento, nesse nível de travessia.

Torna-se patente que toda satisfação possível do desejo humano vai, pois, depender do acordo do sistema significante, na medida em que ele está articulado na palavra do sujeito, e - o Senhor De La Pallice o diria - do sistema do significante considerado como contido no código ao nível do Outro como lugar e sede do código. Ouvindo isso, uma criancinha estaria convencida, e não pretendo que o que acabo de lhes explicar seja um passo a mais que tenhamos de fazer. Mesmo assim, é preciso articulá-lo.

É agora que vamos nos aproximar da junção que quero que vocês façam entre esse esquema e o que lhes anunciei há pouco de essencial concernindo à questão importante do *nome-do-pai*. Vocês vão vê-lo se preparar, se delinear, e não se gerar ou, sobretudo, se gerar ele mesmo, mas o salto que ele deve dar para efetuar-se, pois tudo não ocorre senão ao nível da continuidade, o próprio do significante sendo justamente ser descontínuo.

O que a técnica da *palavra espirituosa* nos traz através da experiência? É o que tentei lhes fazer sentir, de todas as maneiras. É algo que, embora não comporte nenhuma satisfação particular imediata, consiste nisto: que ocorre alguma coisa no Outro que é equivalente, que representa, que simboliza o que se poderia chamar de condição necessária para toda e qualquer satisfação, a saber, que vocês são justamente entendidos além do que dizem, uma vez que, em caso algum, o que dizem não pode realmente fazê-los entender.

A *palavra espirituosa*, como tal, desenvolve-se na dimensão da metáfora, isto é, está além do significante, na medida em que através dele vocês tentam significar alguma coisa, mas,

¹ Alusão à comédia de Molière: *Le Médecin Malgré Lui*.

8 de janeiro de 1958

apesar de tudo, vocês significam sempre outra coisa. É justamente em alguma coisa que vai se apresentar como tropeção do significante, que vocês estão satisfeitos simplesmente, por isto: por este sinal o outro reconhece essa dimensão além, onde deve se significar o que está em pauta, e que vocês não podem significar como tal.

É isto, esta dimensão que o *dito espírituoso* nos revela, e ela é importante, ela fundamenta na experiência este esquema, pela necessidade em que nos encontramos de construí-lo, de verificar o que ocorre no *dito espírituoso*, a saber, que este algo que supre ao ponto de nos dar uma espécie de felicidade perante o fracasso da comunicação do desejo por meio do significante é alguma coisa que, no *dito espírituoso* se realiza da seguinte maneira: é que o Outro ratifica uma mensagem como sendo um passo em falso, como fracassada, e por meio deste passo em falso, mesmo reconhecendo a dimensão além, na qual se situa o verdadeiro desejo, isto é, o que, por causa do significante, não consegue ser significado. Como vocês vêem, a dimensão do Outro, aqui, estende-se um pouco, pois a sede do código não se encontra mais simplesmente aí ratificando — aí ele intervém como sujeito, uma mensagem no código, complicando-o, isto é, ele já está aí ao nível daquele que constitui a lei como tal, uma vez que ele é capaz de acrescentar a ela esse traço, essa mensagem como suplementar, isto é, como ele próprio designando o além da mensagem.

É por isso que comecei este ano, quando se tratou das formações do inconsciente, a falar-lhes do *dito espírituoso*

Procuremos ver de mais perto, numa situação menos excepcional que a do *dito espírituoso*, este Outro quando procuramos descobrir na sua dimensão a necessidade desse significante, como fundamento do significante, isto é, considerado como significante que instaura a legitimidade da lei ou do código.

Para retomar nossa dialética do desejo, nós não vamos sempre nos expressar, ao dirigirmo-nos ao Outro, por meio do *dito espírituoso*. Se assim pudéssemos fazer, de certo modo estaríamos mais felizes. É durante um breve instante, no discurso que lhes dirijo, o que procuro fazer. Nem sempre consigo. A culpa é sua ou é minha, mas é absolutamente indiscernível desse ponto de vista. Mas, enfim, no plano rasteiro do que ocorre quando eu me dirijo ao Outro, há uma dimensão que nos permite fundamentá-lo da maneira mais elementar ao nível da conjunção do desejo e desse significante do Outro. É uma palavra absolutamente maravilhosa em francês sobre todos os equívocos que permitem ser feitos e sobre tantos trocadilhos que eu mesmo me enrubesco de recorrer a ela aqui de maneira muito discreta. Assim que tiver dito essa palavra, vocês se lembrarão imediatamente a que espécie de evocação eu me refiro. É a palavra *tu*

Este *tu* é absolutamente essencial no que chamei diversas vezes a palavra plena, a palavra considerada como fundamentando alguma coisa na história. O *tu* de *tu és meu senhor*, ou *tu és minha mulher*. Este *tu* é o significante da chamada ao Outro, este Outro de quem lhes mostrei — e lembro isso àqueles que tiveram a amabilidade de acompanhar toda a série de meus seminários sobre a psicose o uso que dele tenho feito — a demonstração que tenho procurado animar diante de vocês em torno dessa distância de *tu és aquele que me seguirás* e de *tu és aquele que me seguirá*². Em outras palavras, aquilo para que procurei exercitar vocês é precisamente aquilo a que vou fazer alusão agora, e a que já havia dado esse nome.

² Lacan, Jacques: *Les structures freudiennes des psychoses*, 1955-56, dias 13, 20 e 27 de junho de 1956. Há o texto estabelecido por Jacques-Alain Miller: *As psicoses*, Jorge Zahar Editor, RJ.

8 de janeiro de 1958

Há nesses dois termos, com suas diferenças, e mais em um do que no outro, e mesmo completamente em um e de modo algum no outro, uma chamada. Em *tu és aquele que me seguirás* há alguma coisa que não se encontra em *tu és aquele que me seguirá*. E isto chama-se invocação. Quando eu digo *tu és aquele que me seguirás* eu invoco vocês, eu lhes designo, eu os designo para serem aqueles que me seguirás, suscito em ti o *sim* que diz *eu sou tu, eu me dedico a ti, eu sou aquele que te seguirá*. Mas se eu disser *tu és aquele que me seguirá*, nada faço de semelhante, eu anuncio, eu constato, eu objetivo e mesmo, oportunamente, eu rechaço. Isso pode querer dizer: *tu és aquele que me seguirá sempre e eu estou de saco cheio*. É até da maneira mais comum, mais conseqüente, que essa frase é pronunciada, uma recusa. A invocação é algo que naturalmente exige uma dimensão bem diferente, a saber, justamente que eu faça depender meu desejo de teu ser, nesse sentido que eu o chamo para entrar na via desse desejo, qualquer que ele possa ser, de uma maneira incondicional.

Este é o processo da inovação, no sentido em que ele quer dizer que faço apelo à voz, isto é, àquilo que sustenta a palavra, não à palavra, mas ao sujeito, justamente como seu portador, e é por isso que nesse nível eu estou no nível que chamei, há pouco, falando com a Sra. Pankoff, de nível personalista. É bem por isso que os personalistas usam e abusam do tu, tu, tu, sem parar. O Sr. Martin Buber, por exemplo, de quem a Sra. Pankoff pronunciou o nome de passagem, é, com efeito, nesse registro, um nome eminente³.

Claro, trata-se de um nível fenomenológico essencial, e não podemos não passar por ele. Não se deve tampouco, unicamente, ceder à sua miragem, a saber, prosternar-se, pois é um pouco ali, efetivamente, que encontramos esse perigo ao nível dessa atitude personalista que conduz com bastante prazer à prostração mística. E por que não? Nós não recusamos nenhuma atitude a ninguém, pedimos simplesmente o direito de entendê-las, o que, aliás, não nos é recusado do lado paternalista, mas nos é recusado do lado cientista, porque se vocês começarem a atribuir uma autenticidade à estrutura subjetiva do que lhes diz a mística, o cientista considera também que vocês caem numa complacência ridícula.

Enquanto que parece-me que toda estrutura subjetiva, qualquer que seja ela, na medida em que podemos acompanhar o que ela articula, é estritamente equivalente, do ponto de vista da análise subjetiva, a qualquer outra, a saber, que somente cretinos imbecis do tipo do Sr. Blondel (o psiquiatra) podem apresentar como objeção, em nome de uma pretensa *consciência mórbida* infável, vivida, do Outro, alguma coisa que se apresenta não como infável, mas articulado. Isso deve ser, como tal, recusado, e isso em nome da confusão que decorre disso, a saber, que se acredita que o que se articula é justamente o que está além, enquanto, na realidade, não é nada disso. É o que está além que o articula.

Em outras palavras, não se deve falar de infável quanto a esse assunto, quer seja ele delirante ou místico. Estamos no nível da estrutura subjetiva de algo como tal que não pode se apresentar de outra maneira, e que, como tal, por conseguinte, se apresenta com seu inteiro valor ao seu nível de credibilidade.

Se há algo infável quer no delirante, quer no místico, por definição ele não o diz posto que é infável. Então, não temos de julgar o que ele articula, a saber, sua palavra sobre aquilo de que ele não pode falar. Se é admissível, e nós o supomos de bom grado, que há infável, jamais em nome do infável recusamos apreender o que ele demonstra como estrutura numa palavra, qualquer que seja. Podemos nos perder aí, então renunciamos a isso: mas se

³ Buber, Martin: *Eu e Tu*. Ed. Cortez & Moraes, SP, 1979.

8 de janeiro de 1958

não nos perdermos, a ordem que ela demonstra e que ela revela deve ser aceita como tal, e nós percebemos, em geral, que é infinitamente mais fecundo aceitá-la como tal e tratar de articular nela a ordem que ela requer, contanto que tenhamos pontos de referência exatos. É o que procuraremos fazer aqui: partimos da idéia de que ela estava essencialmente feita para representar o significado. Estamos perplexos de imediato porque recaímos nas oposições anteriores, a saber, que o significado, nós não o conhecemos.

Este *tu* de que se trata é o que nós invocamos, mas, ao invocá-lo, é contudo essa impenetrabilidade pessoal subjetiva que naturalmente será envolvida, mas não é a esse nível que procuramos atingi-lo. Procuramos dar-lhe o que está em jogo em toda invocação. A palavra invocação tem um uso histórico, era o que ocorria numa certa cerimônia entre os antigos, que tinham mais sabedoria do que nós em determinados assuntos, o que eles praticavam antes do combate. Isso consistia, nessa cerimônia, em fazer o que era preciso fazer, eles sabiam provavelmente disso, para pôr ao seu lado os deuses dos outros. É exatamente o que quer dizer invocação, e é nisso que reside a relação essencial para a qual eu os trago de volta agora, desta etapa segunda necessária, do apelo para que o desejo e a demanda sejam satisfeitos. Não basta simplesmente dizer-lhe: tu, tu, tu, e obter uma participação nos favores: trata-se precisamente de lhe dar a mesma voz que desejamos que ele tenha, de evocar essa voz que está justamente presente no dito espiritualoso, pelo menos com sua própria dimensão. O *dito espiritualoso* é uma provocação que não atinge a grande façanha, o grande milagre da invocação. É ao nível da palavra e na medida em que essa voz se articule de acordo com nosso desejo que a invocação se situa.

Voltamos a encontrar a esse nível, então, que toda satisfação da demanda, considerada como dependendo do outro, vai portanto depender daquilo que ocorre aqui, isto é, esse vaivém que vai da mensagem ao código, e do código à mensagem, que permite à minha mensagem, através do Outro, ser autenticada no código. Voltamos ao que antecede, isto é ao que constitui a essência do interesse que continuamos tendo juntos, este ano, no *dito espiritualoso*

Vocês devem reparar, *en passant*, que se vocês tivessem esse esquema, isto é, que se tivesse podido não lhes dar, mas fabricá-lo naquele momento, em outras palavras, se tivéssemos chegado juntos, ao mesmo momento, ao mesmo *dito espiritualoso*, teria podido, sobre este esquema, representar para vocês o que ocorre essencialmente no Presidente Schreber, caso ele se tenha tornado a presa, o sujeito absolutamente dependente de suas vozes.

Se observarem atentamente o esquema que está atrás de mim, e se puderem supor simplesmente que ele seja *Verwerfen*, tudo o que pode no outro responder de qualquer maneira, que seja a esse nível, que eu chamo de nível do nome-do-pai, que encarna, especifica, particulariza, eu sei disso, mas que particulariza o quê? O que acabo de desenhar para vocês, que deve no outro representar o Outro na qualidade de dar alcance à lei. Se puderem supor que está ausente do que é a definição que eu lhes dei da *Verwerfung do nome-do-pai*, vocês constatarão que as duas ligações que coloquei aqui num quadrado, a saber, o vaivém da mensagem ao código e do código à mensagem, estão, por isso mesmo, destruídas e impossíveis, e que isso lhes permite representarem sobre esse esquema os dois tipos fundamentais de fenômenos de vozes que aprova em substituição desse defeito, dessa falta como precisamente foi uma vez evocado.

Ali se encontra o ponto de balança, de mudança que precipita o sujeito na psicose, e deixo momentaneamente de lado em que e a que momento e por que é na continuação, é no oco, é no vácuo feito por isso que justamente o que é chamado em determinado momento ao

8 de janeiro de 1958

nível do *tu és nome-do-pai* e que esse *nome-do-pai* uma vez é capaz de confirmar a mensagem, é avalista, se produz o que vocês podem então ver nesse esquema, isto é, se produz como autônomo, e, em razão disso, a lei como tal se apresenta como autônoma.

Este ano iniciei meu discurso sobre a psicose a propósito de uma sentença que eu lhes havia dito numa de minhas apresentações de doentes, e na qual se entendia muito bem em que momento a sentença murmurada pela paciente: *Eu venho da salsicharia* caía em seguida destas aposições que já não eram mais assumíveis pelo sujeito, com a palavra *porca* que não era mais integrável pelo sujeito, e que, pelo seu próprio movimento, pela sua própria inércia de significante, caía do outro lado proveniente da réplica, no Outro. Isso era pura e simplesmente fenomenologia elementar.

Trata-se de ver por quê, e aliás, podemos dispensar o de que se trata pela exclusão do que ocorre entre a mensagem e o Outro, que vai ter como resultado as duas grandes categorias de vozes e de alucinações que Schreber tem, a saber, a emissão aqui ao nível do Outro, dos significantes da língua fundamental, isto é, do que se apresenta como tal, logo como elementos compactos e originais do código, articuláveis unicamente uns em relação aos outros, pois essa língua fundamental é de tal modo organizada que, literalmente, ela cobre o mundo com sua rede de significantes, sem que ali nada mais esteja seguro e certo, exceto que se trata da significação essencial total. Cada uma dessas palavras tem seu peso próprio, seu acento, seu peso de significante. O sujeito as articula uma em relação às outras cada vez que são isoladas. A dimensão propriamente enigmática da significação na medida em que é infinitamente menos evidente que a certeza que ela abrange, é algo realmente impressionante.

Em outras palavras, o outro somente emite, se assim posso dizer, além do código, sem possibilidade alguma de integrar aí este algo que pode vir deste lado, isto é, do lugar onde o sujeito articula sua mensagem.

E, de um outro lado, sobretudo, contanto que vocês reponham aqui as pequenas setas, vai chegar este algo que não será em caso algum autenticação da mensagem, isto é, retorno do Outro na qualidade de suporte do código sobre a mensagem, para integrá-la, autenticá-la no código com qualquer intenção que seja, mas que evidentemente virá também do Outro como toda e qualquer mensagem, posto que não há possibilidade de que uma mensagem parta, a não ser do Outro, mesmo quando ela parte de nós na qualidade de reflexo do Outro, visto que é feita com uma linguagem que é a linguagem do Outro. Essa mensagem partirá, pois, do Outro aqui, e deixará este marco de referência para se articular dessa maneira: *e agora eu quero lhes dar*, o que quer dizer: *eu quero isso para mim ... e agora isso deve portanto...*

O que está faltando em tudo isso? O pensamento principal que se exprime ao nível da linguagem fundamental, as próprias vozes que conhecem toda a teoria, as próprias vozes que dizem também: *Falta-nos a reflexão*. Isso quer dizer que do Outro partem, com efeito, mensagens da outra categoria de mensagens. É, propriamente falando, uma mensagem que, como tal, não é possível de se validar, uma mensagem que se manifesta também na dimensão pura e quebrada do significante, alguma coisa que não comporta sua significação a não ser além de si mesma, alguma coisa que, pelo fato de não poder participar dessa autenticação pelo *tu*, apresenta-se como algo que não tem outro objeto a não ser o de apresentar como ausente essa posição do *tu* onde a significação se autentica, pois, é claro, o sujeito procura completar essa significação. Ele dá, pois, os complementos de suas sentenças: *eu não quero agora*, dizem as vozes. Isto se situa em outro lugar. Ele diz a si

8 de janeiro de 1958

mesmo, em outra parte, que ele, Schreber, não pode confessar que ele é uma puta, *âne Hure*

Nem tudo é pronunciado. A mensagem permanece aqui rompida uma vez que precisamente ele não pode passar pela voz do tudo. Ela não pode chegar ao nível da mensagem a não ser como mensagem interrompida.

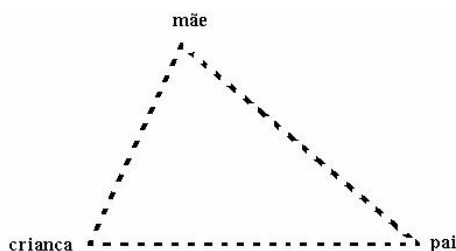
Penso ter suficientemente indicado o que a dimensão essencial que se desenvolve e que se impõe no Outro, considerado como lugar de repouso, o tesouro do significante, comporta para que possa exercer plenamente sua função de Outro, isto que na passagem do significante haja este significante do Outro, como Outro. Por quê? Eu quero dizer na medida em que o Outro tem justamente, ele também além dele, este Outro, na medida em que ele é capaz de dar fundamento à lei. Mas trata-se de uma dimensão que é da ordem do significante, claro, que se encarna em pessoas que suportarão ou não essa autoridade. Mas o fato, por exemplo, de as pessoas ocasionalmente faltarem, de existir carência paterna nesse sentido, por exemplo, que o pai seja excessivamente idiota é algo que, em si mesmo, não é a coisa essencial. O que é essencial, é que o sujeito, de uma maneira ou de outra, tenha adquirido a dimensão do *nome-do-pai*.

Claro, o que ocorre efetivamente, o que vocês podem encontrar nas biografias, é que o pai precisamente está freqüentemente presente para lavar os pratos na cozinha, com o avental da sua mulher. Não é de modo algum isso que basta para determinar uma esquizofrenia.

Vou apresentar-lhes o pequeno esquema mediante o qual quero introduzir, na próxima vez, isto é, o que vai nos permitir fazer a ligação entre essa distinção que pode parecer-lhes um tanto escolástica do *nome-do-pai*, e do *pai real*, do *nome-do-pai* na medida em que pode ocasionalmente faltar, e do pai que não dá a impressão de ter muita necessidade de estar presente para que ele não falte. Vou, pois, introduzir o que constituirá o objeto da minha próxima aula, a saber, o que intitulo, desde hoje, a *metáfora paterna*.

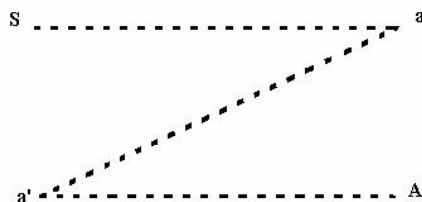
Convém saber, claro, que um nome é apenas um significante como os outros. É muito importante tê-lo, mas isso não quer dizer por isso que não se chegue a ele, como tampouco à satisfação do desejo em princípio corneado do qual falava há pouco. Está por isso no ato, o famoso ato da palavra de que tratou ontem a Sra. Pankoff, nessa dimensão que chamamos de metafórica que vai se realizar concretamente, psicologicamente, a evocação de que falava há pouco.

Em outras palavras, o *nome-do-pai* é preciso tê-lo, mas é preciso também saber utilizá-lo, e é isso, é por aí que a sorte e o resultado de todo o assunto podem depender muito. As palavras reais ocorrem em torno do sujeito, principalmente na sua infância, mas da essência da metáfora paterna que eu lhes anuncio hoje trataremos mais demoradamente na próxima vez. Consiste num triângulo:



e temos o esquema:

8 de janeiro de 1958



e tudo o que ocorre no **S** depende do que se apresenta de significantes no **O[A]**. O **O[A]**, se é verdadeiramente o lugar do significante, deve apresentar algum reflexo desse significante essencial que eu represento por este zig-zague, e que chamei em outro lugar (no meu artigo sobre *A instância da letra*) de esquema **L**.

É preciso que alguma coisa pelo menos nele se distinga. Distinga pelo menos esses quatro pontos cardeais. Temos três deles que são dados pelos três termos subjetivos do triângulo. É deste assunto que voltarei a falar na próxima vez. Peço-lhes, por ora, simplesmente para despertar sua curiosidade, que admitam o que lhes digo.

O quarto termo é, com efeito, o **S**. Mas como é ele, e ele não somente, eu concedo para vocês, mas é de lá que se parte, ele é, com efeito, infelizmente estúpido, ele não tem seu significante. Nos três ângulos do triângulo edipiano ele está do lado de fora, ele depende do que vai ocorrer nesse jogo e ele é o morto no jogo. É até porque a partida está estruturada assim, quero dizer que ela não prossegue somente como uma partida particular, mas como uma partida que se institui em regra, que o sujeito vai estar na dependência dos três ângulos que se chamam ideal do *eu* [*moi*], o *super-ego* [*surmoi*] e a realidade.

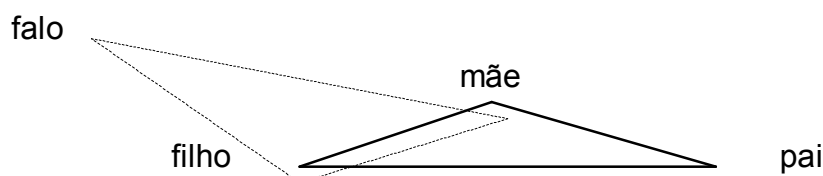
Mas para entender essa transformação da primeira cartada na outra, é preciso ver que todo morto, que ele seja o sujeito, já que há sujeito, nessa mesma jogada quebra a cara, isto é, nesse ponto inconstituído em que ele está, vai ser preciso que ele participe se não com seu dinheiro, talvez ainda não tenha, pelo menos com sua pele, com suas imagens, com todo o restante, com sua estrutura imaginária. E o quarto termo, o **S**, vai se representar em alguma coisa que se opõe, no ternário, ao significante do Édipo, isto é, em alguma coisa que, para que dê certo, deve também ser ternária, naturalmente, no estoque e no acervo das imagens. Para saber isto abram os livros do Sr. Jung e de sua escola, e vocês verão que há um sem-número. Aquilo brota e vegeta por toda a parte e há o dragão, a serpente, as línguas, o olho flamejante, a planta verde, o jarro de flores, o porteiro; tudo isso são imagens verdadeiramente fundamentais e, incontestavelmente, repletas de significação.

Mas isso não serve estritamente para nada se vocês seguirem neste nível, a não ser para se perderem com seu pequeno candeeiro na floresta vegetante dos arquétipos primitivos. E para entender alguma coisa é preciso saber para o que nos interessa, a saber, a dialética intersubjetiva, na medida em que há três imagens selecionadas — carrego um pouco em meu pensamento — para tomar em tudo isso o papel de guia, o que não é precisamente difícil de entender, já que temos alguma coisa já perfeitamente preparada, e bem preparada, de algum modo, para ser não somente o homólogo, mas para se confundir com a base do triângulo mãe-pai-filho, é a relação do corpo fragmentado ao mesmo tempo envolvido por um grande número dessas imagens de que falávamos há pouco, com a função unificante da imagem total do corpo, em outras palavras, a relação do *eu* [*moi*] e da imagem especulativa.

Isto já nos dá a base do triângulo imaginário.

O outro ponto, é precisamente aí que vamos ver o efeito da metáfora paterna, o outro ponto, já mencionei isso no meu seminário do ano passado sobre a relação de objeto, mas

vocês vão ver agora isso tomar seu lugar naquilo em que entramos este ano, isto é, nas formações do inconsciente. Este ponto, penso que vocês o reconheceram pelo fato de vê-lo aqui em terceiro com a mãe e o filho, mas vocês o vêem em uma outra relação que, aliás, não lhes escondi absolutamente no ano passado visto que terminamos com isso, a saber, na relação com o *nome-do-pai*, isto é, o que havia feito surgir o nascimento do fantasma do cavalinho em nosso pequeno Hans. Esse terceiro ponto eu o nomeio enfim, eu penso que vocês o têm todos na ponta da língua, não é outra coisa a não ser o *falo* e é por isso que o falo ocupa um lugar de objeto tão central na economia freudiana,



o que, por si só, basta para mostrar-nos que a psicanálise de hoje se afasta dela a cada vez mais e que precisamente este falo, na qualidade de função fundamental com a qual se identifica imaginariamente o sujeito, está completamente eludido, por ser reduzido à noção de objeto parcial, que não é, de modo algum, na economia de Freud, sua função original.

Este *falo* nos levará, pela mesma oportunidade, a este algo que não foi perfeitamente compreendido, pelo menos pelo que ouvi dizer no fim de meu discurso da última vez, isto é, a comédia.

Vou deixá-los hoje com esse tema. Ao terminar, gostaria de lhes mostrar em que direção e em que via este discurso complexo pelo qual procuro reunir todas as coisas que foram ditas se juntam e se mantêm coeso.